

TEXTOS: EDUCAÇÃO, PÓS-MODERNIDADE, IMEDIATISMO E FORMAÇÃO FRAGMENTADA, AS NOVAS TECNOLOGIAS, O ENSINO E A PRÁTICA DOCENTE.

Ivandilson Miranda Silva*

RESUMO: Este trabalho é fruto de um processo de reflexão sobre os impactos das narrativas Pós-Modernas na educação e de toda uma mudança de realidade em sala de aula que tem intrigado os educadores e ao mesmo tempo provocando uma análise de sua práxis em tempos de intensos questionamentos sobre a autoridade acadêmica, a importância da ciência para o desenvolvimento da humanidade e a relação do ser humano com as tecnologias. O artigo divide-se em quatro textos (*Educação À Moda Pós-Moderna, Graduação ou Distração? Empurrando a Graduação Com a Barriga, Copiei, Colei e Passei*) que apresenta esse cotidiano interessante, efêmero e desafiador. A análise é breve, com o intuito de fazer apenas uma pequena provocação.

Palavras Chave: Educação; Pós-Modernidade; Mudanças.

INTRODUÇÃO

O presente texto quer contribuir para a realização de um processo de reflexão sobre os impactos das mudanças contemporâneas na educação que muitos denominam de narrativas “Pós-Modernas”, num contexto de imediatismo e fragmentação da formação.

Vivemos um tempo em que os estudantes dialogam intensamente com as novas tecnologias (Mp3, Mp4, Pendrive, Computadores) e isso desafia professores, que em muitos casos, não sabem ou não querem fazer uso desses equipamentos.

O mundo mudou muito nos últimos vinte anos e a nossa juventude, o nosso estudante e a nossa escola não é mais a mesma. Alguns até questionam se o conhecimento acadêmico é realmente importante, se é preciso estudar, se é necessário pensar sobre o rumo da humanidade, se é necessário **SER**.

Esses dilemas impactam a relação educadores X educandos e produzem um conjunto de comportamentos e práticas que intriga e desafia o professor.

Espero que o texto seja lido, interpretado e criticado, que outros professores tenham interesse em apontar outros aspectos que não estão pautados nessa sucinta colaboração.

*Graduado em Filosofia Pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestrando em Cultura e Sociedade Pela FACOM-UFBA, Professor de Filosofia e Sociologia na Fundação Baiana de Engenharia (FBE), Músico da Banda Periferia, Colaborador e Professor de Cinema e Contextualização na Associação Educacional, Cultural e Ambiental Comunidade Universitária, Leciona as Disciplinas Humanidades I e II na UNIME – PARALELA, Salvador, Ba. E-mail: ivandilson-silva@ig.com.br, Blog: <http://ivandilsonmiranda.zip.net>

EDUCAÇÃO À MODA PÓS-MODERNA

“TUDO QUE SE VÊ NÃO É IGUAL AO QUE A GENTE VIU HÁ UM SEGUNDO”.
LULU SANTOS

Estamos vivendo um momento de crise, e crise para mim não é uma coisa negativa. Em contextos como esses, de conflitos, indisciplinas, dúvidas e mobilizações é que se pode produzir algum tipo de mudança.

Caíram os muros, os rótulos, o mundo não está mais dividido em dois blocos ideologicamente antagônicos (Socialismo e Capitalismo), o mundo de hoje pertence aos blocos econômicos e a Coca-Cola, a Mcdonalds, a Microsoft e o limite do cartão de crédito são ícones da inclusão. O tempo engoliu o tempo.

Há um discurso que está sendo imposto e nele o texto não é texto, a palavra não é palavra, a música não é música, a ciência não é ciência e a autoridade não é autoridade. A narrativa corrente impõe a hermenêutica pós-moderna, onde, segundo Harvey (2003, p.35):

A estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram procedência sobre verdades eternas.

A imagem substituiu os valores e a tecnologia tenta substituir o ser humano. Esse mundo de aparências faz Baudrillard (1991, p.11) afirmar que:

Parece haver cada vez menos realidade e mais objetos produzidos artificialmente como numa Disneylândia sem fim, que, é claro, fazem parte também dessa realidade, tornando-se, assim, metarreais.

O que se vê em sala de aula é o puro reflexo da inquietação humana que não está conseguindo decodificar aquilo que se apresenta como realidade. Estamos todos sendo desafiados e no campo educacional as angústias aumentam, pois, a rede mundial de computadores disponibiliza livros, imagens, pesquisas, trabalhos e até aulas prontas e contextualizadas com todas as informações e aplicação de recursos.

O princípio da autoridade acadêmica perde a sua validade e o professor vai sendo reduzido, reduzido, reduzido... Seu valor acadêmico fica, cada vez mais, comprometido e isso se concretiza na forma como esse profissional é visto e remunerado nas sociedades contemporâneas.

Além de ter que estudar muito, acumulando títulos e mais títulos, cursos e mais cursos, o professor se vê ameaçado, desrespeitado (às vezes fisicamente) e em crise.

A lógica efêmera e fragmentadora colocam em cheque as “competências e habilidades” do profissional em educação e todos os outros trabalhadores.

Se seguirmos esse itinerário neo-imagético-estetizante, seremos rótulo, cópia da cópia, mercadoria perecível que pode ser descartada não por falta de conteúdo, mas por não conseguir habitar o campo visual da sociedade do simulacro.

Sejamos o assunto e não a narrativa, façamos a história e não a estória, caminhemos juntos e não de forma dispersa, enquanto pudermos lutar e reagir contra todo tipo de discurso que queira anular o papel do professor na sociedade, essa será a nossa tarefa. A autoridade docente, que não é autoritarismo, não pode ser descartabilizada, sob pena de colocarmos todo o legado da ciência em desuso.

EMPURRANDO A GRADUAÇÃO COM A BARRIGA OU COMPROMETENDO-SE COM UM CURSO DE QUALIDADE?

O crescimento do ensino superior no Brasil nos últimos dez anos, após a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases Para a Educação) em dezembro de 1996, ganhou dimensões homéricas e em muitos casos apoteóticas.

É claro que não podemos deixar de reconhecer que várias pessoas conseguiram entrar numa instituição de ensino superior depois de todo esse processo, pois diversas vantagens foram criadas (Prouni, Faz Universitário, Enem, Política de Crédito Interna das Faculdades) e diversas instituições surgiram.

Mas temos que refletir sobre duas questões fundamentais: a qualidade das instituições e o compromisso acadêmico dos alunos. Sobre a qualidade é fundamental saber se a instituição conseguiu credenciamento junto ao MEC (Ministério da Educação e Cultura), se dispõe dos recursos apresentados na publicidade e no contrato de prestação de serviços.

Conhecer o projeto pedagógico, os órgãos de gestão (coordenação, assistência acadêmica), os laboratórios, a equipe de professores e o corpo técnico são itens importantes para consolidar uma análise institucional da faculdade preterida.

Feito isso, falta a parte que compete ao acadêmico, o seu compromisso com o seu curso, sua carreira, seu papel social e político, com o seu tempo e a realidade que o cerca. Coursar uma faculdade e estar inserido no ensino superior no Brasil ainda é um privilégio para poucos, pois a maioria fica pelo caminho e não consegue consolidar uma carreira acadêmica.

Ser universitário na nossa sociedade é ter responsabilidade com o nosso futuro e com o desenvolvimento técnico/científico/filosófico e ambiental do nosso planeta. Carregamos o status de intelectuais, “gente pensante” e precisamos fazer justiça ao emblema. Não adianta fazer o vestibular, se matricular numa faculdade e recorrer aos expedientes mais espúrios que podemos imaginar como: faltar frequentemente às aulas com diversas justificativas que não cabem num primeiro de abril, copiar trabalhos, artigos, resenhas e até monografias em sites especializados, entregar trabalhos no final do semestre ou no período de recesso, chegar à sala de aula apenas para responder a chamada, jogar toda responsabilidade de um seminário nas mãos de um ou dois integrantes da equipe, não ler os textos apresentados pelos professores, entre outras artimanhas.

Essas e outras atitudes comprometem a formação do graduando e impõe limites na execução da sua profissão. Aquele que teve interesse, responsabilidade e ética com o curso escolhido e os desafios que foram colocados durante toda a graduação, terá a exata dimensão do seu papel na sociedade.

Seja qual for a faculdade: pública, privada, de grife ou emergente, não existe formação qualificada sem uma boa qualidade apresentada pela instituição e um comprometimento acadêmico pactuado pelos educandos. Afinal de contas o acadêmico será o representante do projeto e do compromisso político-social defendido pela faculdade cursada.

GRADUAÇÃO OU DISTRAÇÃO?

É bom refletirmos sobre a importância de poder estudar numa faculdade. Já conhecemos o discurso que está se impondo nas residências, no trabalho, nas relações amorosas, nas ruas, igrejas e até na mídia que “é preciso estudar para ser gente”. Isso é fato e só aumenta a pressão para que as pessoas corram para a faculdade.

Estudar é preciso, ler é preciso, se informar é preciso, sobreviver é preciso. Como canta a banda Titãs: “Tudo ao mesmo tempo agora” e “Não tenho tempo a perder”. Quando se consegue aprovação numa Instituição de Ensino Superior, a vida passa por essa transformação e a pessoa muda sua rotina, hábitos (alguns), finais de semana, e é melhor não alongar mais os exemplos para não deprimir.

Temos que considerar que o acesso ao ensino superior no Brasil, mesmo com as políticas de crédito e o aumento no número de faculdades, principalmente particulares, ainda não consegue promover a inserção de uma maioria que anualmente tenta uma vaga nas universidades públicas e crédito através do **PROUNI** (Programa Universidade para Todos).

A pressão é para todos, mas o acesso ainda é restrito. Quem consegue furar esse bloqueio, sabe dos desafios e das mudanças que implicam ser universitário (a) numa sociedade a qual impõe trabalho e estudo ao mesmo tempo. Quem estuda no noturno, trabalha no diurno, quem estuda no diurno, trabalha no noturno, essa é realidade da maioria.

Diante disso é preciso perguntar: Como estudar? Como se comprometer com os estudos? Como pensar? Como ser? Como existir?

Uma das possíveis respostas é que desde o início da década de 1990, o mundo mudou muito e mais rápido e continua com esse processo acelerado de mudanças. Dezoito anos se passaram e parece que foram oitenta. Alguns já são gente do século passado (dinossauros?), as crianças nascem com entrada para USB, temos vida real e vida virtual (Second Life), há outras possibilidades de olhar a vida dos outros é só assistir reality show, Marte “tá na fita”, células tronco, clonagem, Era digital, o tempo engolindo o tempo.

Então, para concluir, pense: **Graduação não é distração**, quem se distraí não percebe o tempo passar, “dorme no ponto”, não estamos num parque de diversões, a coisa é séria e precisamos

atentar para tudo, pois assim como o império foi surpreendido de uma hora para outra (11 de setembro), todos podem ser ou para mais ou para menos.

Também não precisamos “fechar a cara”, esquecer amigos, amores, lazer, nada disso. Compromisso com os estudos significa compromisso com a carreira. Por isso é sempre bom, para amenizar qualquer tipo de desgaste, fazer aquilo que gosta, que tem mais afinidade. Dessa maneira, a graduação pode ser melhor aproveitada.

COPIEI (ctrl+c), COLEI (ctrl+v) e PASSEI (ctrl+diploma): QUE NEGÓCIO BOM DANADO!

Que afirmação paradigmática! O século XXI consolidou definitivamente o acesso e uso das novas tecnologias em várias áreas. Sabemos que ainda existe um grande número de pessoas excluídas desse processo e sabemos também, que muitos fazem uso dessa tecnologia de forma equivocada e sem nenhuma perspectiva instrutiva, política, cultural, social.

O que tem intrigado professores (em praticamente) todo o país é exatamente a utilização do computador para a produção de trabalhos, seminários, artigos, monografias e dissertações. Mas não é a utilização adequada, ou seja: usar o computador como instrumento de pesquisa para ajudar na aprendizagem que tem chamado a atenção dos docentes, mas sim o uso desse recurso para apenas copiar (ctrl+c) e depois colar (ctrl+v) as informações da internet sem apresentar nenhuma análise crítica sobre o conteúdo apresentado (copiado).

Se no passado, quando os professores passavam trabalho escrito, muitos apenas copiavam sem ler (mas pelo menos escreviam), hoje isso já foi abolido ou “limado” como fala a galera dos colégios e faculdades em tempos de pós...

Não estou defendendo práticas pedagógicas antigas, muito pelo contrário, mas provocando sobre uma realidade que está imbecilizando as pessoas no ambiente acadêmico.

Estamos formando seres matrix? Cópia da realidade? Seres PENDRIVE? Gente com memória de 512?

Como canta Gilberto Gil: “cérebro eletrônico faz tudo, faz quase tudo, mas ele é mudo”. Será esse o “destino” dos nossos estudantes? Que tipo de ciência e de perspectiva crítica construiremos com essa dinâmica internética-neo-cognoscente?

O novo tempo desafia o velho professor, o estudante pós-moderno inquieta o professor moderno e a tecnologia que pode contribuir para o crescimento intelectual dos educandos apenas automatiza, idiotiza e aliena.

Negar o desenvolvimento tecnológico seria algo absurdo, mas a questão em debate não é essa. O que devemos discutir é que tipo de relação devemos estabelecer com essas ferramentas, pois elas são importantes para a aprendizagem.

Usar data show, lousa, vídeos, músicas nas aulas contribui muito para compreensão de determinado assunto. Ter e-mail, mp4, blog temático, produzir vídeos, são demandas do cotidiano educativo contemporâneo. Mas não podemos esquecer que todos esses processos são fundamentais com a orientação do professor.

Aluno do tipo copiou, colou, passou é um traço do novo tempo de incertezas e vazio. Mas “a força deixa a história mal contada” como proclamava a banda Engenheiros do Hawai. Tenhamos força e capacidade para intervir no contexto e não ser cópia, da cópia, da cópia.

CONCLUSÃO

Em tempos de mudanças, quase tudo torna-se desafiador. Na educação, temos esse contexto de transformações e quebra de muitos paradigmas que sedimentava o *habitus* (na perspectiva de Pierre Bourdieu) do professor e do aluno.

Outras linguagens, metodologias, estruturas, comportamentos, estão sedimentando um outro *habitus* e construindo horizontes diferenciados para o cotidiano da apreensão do conhecimento.

O que vemos, as vezes, é problemático, desestimulante, enigmático, difícil de se entender, mas não podemos fechar os olhos para essa realidade. As tecnologias, os novos comportamentos, a geração Matrix, um certo vazio político-ideológico- existencial capaz de produzir milhares de seres humanos céticos, são sintomas ou características desse novo tempo, dessa nova dinâmica.

Somos do presente e precisamos fazer esse mesmo presente acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulação**. Lisboa: Relógio d'água. 1991.p.11.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1998.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: Um Olhar Sobre Os Estudos Culturais e o Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**; São Paulo: Loyola. 2003, ed. 12.

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

REFERÊNCIAS SITOGRÁFICAS

MEC (Ministério da Educação e Cultura). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10643&interna=6. Acesso em 20 de maio 2006.

SEC-Ba (Secretaria de Educação do Estado da Bahia). Disponível em: <http://www.sec.ba.gov.br/diversos/perguntasmaisfrequentest.htm#fazuni>. Acesso em 12 de abril 2006.

MUSICOGRAFIA

Lulu Santos-**Tempos Modernos**. MTV AO VIVO. Rio de Janeiro: MTV. 2004.

Titãs- **Tudo ao Mesmo Tempo Agora**. Rio de Janeiro: WEA. 1991.

Titãs- **Go Back**. Rio de Janeiro: 1988. WEA

Gilberto Gil- **Cérebro Eletrônico**. Gilberto Gil: Rio de Janeiro: Universal. 1969.

Engenheiros do Hawaí. **Toda Forma de Poder**. Alívio Imediato. BMG. 1989.

FILOMOGRAGIA

The Matrix (Matrix), Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999.

Fahrenheit (11 de Setembro), Direção, roteiro e produção: Michael Moore. Elenco: Michael Moore, George W. Bush. Distribuidora: Europa Filmes. EUA, 2004.